PODER

Turismo vira nó para Planalto

Lula enfrenta impasse entre manter ministra que o apoiou na eleição e a pressão do União Brasil pelo cargo dela. Decisão sai amanhã

» VICTOR CORREIA

Sob risco de perder o cargo, a ministra do Turismo, Daniela Carneiro, ganhou sobrevida até pelo menos amanhã. A decisão foi comunicada, ontem, pelo Planalto, após encontro entre a titular da pasta e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A presença dela está confirmada na reunião ministerial convocada pelo chefe do Executivo para esta quinta-feira.

A saída de Daniela é uma exigência do União Brasil. O partido insiste que ela seja trocada pelo deputado Celso Sabino (União-PA). Em troca, a legenda daria mais votos ao governo em projetos que tramitam na Câmara. Apesar de compor a base, a sigla entregou menos votos a propostas do Executivo em pautas estratégicas — como a do marco do saneamento — do que o Republicanos e o PP, por exemplo. Caso Lula não ceda à demanda, parlamentares do União ameaçam ir para a oposição, complicando a já delicada situação do governo no Congresso.

Foi o primeiro encontro entre Lula e Daniela em meio à crise. Também participaram os ministros da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha; e da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Paulo Pimenta; e o prefeito de Belford Roxo (RJ) e marido da ministra, Wagner Carneiro, o Waguinho, que está em Brasília desde domingo para tentar reverter a fritura da esposa.

Após participar de uma audiência pública na Câmara dos Deputados — onde expôs as realizações de sua gestão —, Daniela frisou estar "muito tranquila, com a consciência tranquila" e comentou a reunião com o chefe do Executivo. "Foi uma conversa positiva. Estou a serviço do Brasil, para fortalecer o Turismo junto com o presidente Lula. E à disposição do presidente Lula", enfatizou. Questionada sobre o que disse o petista, a ministra respondeu: "Fica tranquila, continue fazendo o seu trabalho".

Billy Boss/Câmara dos Deputados



Daniela Carneiro em audiência pública na Câmara dos Deputados: ministra ganhou sobrevida na pasta do Turismo pelo menos até amanhã

> **Apoiei o presidente Lula também de coração. Fizemos uma campanha muito linda, e admiro muito e torço muito para que o governo dê certo"**
>
> **Daniela Carneiro,** ministra do Turismo

Marido na luta

Nos últimos dias, o marido da ministra Daniela Carneiro, o prefeito de Belford Roxo, Waguinho (Republicanos), vem tentando mantê-la no cargo. Ele criticou a eventual troca dela por Celso Sabino dizendo que o deputado já foi bolsonarista. Também afirmou que, se a mudança ocorrer, a relação de Lula com evangélicos — religião de Daniela — e com fluminenses sairia abalada.

Daniela criticou a "especulação" a respeito de sua saída do cargo e a atribuiu ao machismo estrutural e ao preconceito por sua história de, segundo ela, vir de uma família humilde da Baixada Fluminense. Apesar da pressão, destacou que continuará do lado do governo. "Apoiei o presidente Lula também de coração. Fizemos uma campanha muito linda, e admiro muito e torço muito para que o governo dê certo", pontuou.

O Planalto estuda uma forma de ceder o ministério ao União, mas manter o apoio de Daniela e de Waguinho, que foram importantes cabos eleitorais para o petista no Rio de Janeiro – reduto bolsonarista. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), comentou, logo após saber do resultado da reunião com Lula, que Daniela "não se trata como qualquer pessoa". "É uma pessoa que tem o carinho e o apreço do presidente, então ele vai tentar encontrar uma saída que dê conforto a todo mundo", afirmou.

Wagner comentou, porém, que Daniela está inclusa na parte que coube ao União Brasil na Esplanada, e não na cota pessoal de Lula. Assim como o MDB e o PSD, o União recebeu três pastas, com o objetivo de fortalecer a aprovação de pautas no Congresso. A ministra, porém, está em litígio com a legenda. Ela pediu ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) autorização para se desfiliar sem perder o mandato de deputada federal – foi a mais votada no estado do Rio de Janeiro.

Apoio

Lula só deve bater o martelo após ouvir lideranças de outros partidos, do União Brasil e o próprio Celso Sabino. A orientação do presidente seria para permitir que Daniela apresente seus feitos à frente da pasta antes de sair, deixando claro que a decisão foi política, e não pela capacidade técnica da ministra.

Segundo ela, na reunião ministerial de amanhã será apresentado um levantamento dos últimos cinco meses.

Daniela fez isso, ontem, na audiência na Comissão de Turismo da Câmara. Entre os dados apresentados pela ministra estão o faturamento esperado de R$ 752,3 bilhões para 2023, com R$ 54 bilhões já consolidados desde o início do ano. Ela destacou também o investimento da pasta em infraestrutura e na qualificação de trabalhadores. Disse que luta pela recomposição do orçamento da pasta, que hoje é de R$ 19 milhões para atividades finalísticas, como obras e eventos.

Na comissão, a ministra recebeu apoio até de parlamentares da oposição. O presidente do colegiado, Romero Rodrigues (PSC-PB), relatou que Daniela sempre esteve aberta ao diálogo e que nunca se recusou a receber as demandas de parlamentares. Bibo Nunes (PL-RS), autor do requerimento para a audiência, enfatizou que não é da "oposição raivosa" e criticou que a pasta do Turismo fique com o destino incerto. "A senhora pode ter certeza de que tem aqui um aliado", afirmou o parlamentar.



ALEXANDRE GARCIA

O CONHECIMENTO NÃO PODE PERMITIR QUE ACEITEMOS QUE SE TRAVE O DESEJO DE TODO BRASILEIRO DE PROGREDIR

Brasil colônia?

Se nos tempos de Juscelino existissem as ONGs, o Ministério Público e os partidos políticos de hoje, JK não conseguiria construir Brasília. As obras seriam embargadas por destruir o cerrado, o Lago Paranoá não seria criado por uma barragem que desviaria cursos d'água e causaria uma extensa inundação do cerrado. O Brasil, hoje, estaria condenado a acompanhar seu limite litorâneo, a maior parte das fronteiras terrestres estariam vazias e mais vulneráveis e não seríamos o maior exportador de grãos do planeta. Ao contrário, estaríamos importando alimentos e, quem sabe, haveria guerra por alimentos e por espaço para produzi-los, aumentando a ambição sobre o Centro-Oeste brasileiro. O cerrado seria um lugar deserto, com emas e lobos, e o Brasil, um país semicolonial.

Lembrei disso, ontem, quando a presidente da Comissão Europeia prometeu ao presidente do Brasil 20 milhões de euros para o Fundo Amazônia. Fico curioso por saber quem será beneficiado com esse dinheiro. Seriam os filhos dos amazônidas ribeirinhos, que crescem longe de escolas? As famílias de caboclos distantes de um posto de saúde? Os que levam dias de canoa para comprar ferramentas, roupa e mantimentos? Os que plantam e criam? A Alemanha, na União Europeia, acaba de restituir ao Brasil um fóssil de 110 milhões de anos. Mas é apenas um fóssil. Quantos bilhões de euros já saíram da Amazônia em minérios raros e preciosos, madeiras, acervo medicinal e biológico? 20 milhões de euros é uma compensação ínfima.

O ex-presidente da Câmara e ex-ministro da Defesa (e ex-PCdoB) Aldo Rebelo insiste em nos alertar para a ação de ONGS, partidos de esquerda e Ministério Público, contra obras de desenvolvimento na Amazônia, como a rodovia Porto Velho-Manaus, a hidrovia Araguaia-Tocantins e a Ferrogrão, paralisada há mais de dois anos por decisão do Supremo. No mesmo sentido, o Ibama impediu a Petrobras de pesquisar na foz do Rio Amazonas. Parece que querem manter a Amazônia intocada pelos brasileiros, como reserva futura para outros países. Se o ambientalismo ideológico de ONGs e MP de hoje estivesse ativo na época, não teríamos as hidrelétricas de Itaipu, Tucuruí, Ilha Solteira, Furnas — e o Brasil seria um país de apagões, com usinas a óleo e a carvão. Belo Monte foi um marco para essa militância se formar.

Esta semana, em Lavras do Sul, RS, o prefeito e a comunidade econômica do município reuniram-se para um grito contra isso. O subsolo do município tem capacidade de fornecer 300 mil toneladas/ano de fosfato. O Brasil importou, ano passado, 1,67 milhão de toneladas do minério, necessário para o agro fazer as plantas crescerem. Mas ONGs e Ministério Público estão na Justiça, bloqueando a mineração. Temos uma CPI das ONGs, que pode examinar tudo isso. Lavras do Sul mostra que não podemos ficar em passividade colonial. O conhecimento de hoje permite exploração sustentável. O conhecimento não pode permitir que aceitemos que se trave o desejo de todo brasileiro de progredir. A pobreza e a fome são tragédias reais e concretas quando um país rico não consegue que essa riqueza enriqueça a vida de seus habitantes. É como se uma metrópole nos estivesse paralisando.

